



Senhorinha dos Santos quer ser cadastrada pelo governo e concorrer a um lote em algum assentamento, para se mudar com a família. Mãe de sete crianças, já foi vítima de tiroteio no lugar

Os barracos *invisíveis* do Plano

Vegetação esconde invasões com população flutuante no final das quadras 700 e 900 Norte. Criminalidade faz parte da rotina

Nicolas Bonvakiades
Luis Osvaldo Grossmann
Da equipe do Correio

No fim da década de 1950, quando Brasília não era mais que um imenso canteiro de obras, pululavam, em qualquer espaço livre, as aglomerações humanas — as primeiras invasões da história da cidade. Essas pessoas eram levadas em caminhões para os assentamentos de então, cada vez mais distantes do Plano Piloto.

Desde aquela época, a política adotada pelos governos subsequentes foi mantida e a cidade obra-prima de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa preservada do espectro da miséria alojada em barracos de madeira e lona. Mas nem sempre o controle é suficientemente rígido para manter as asas Sul e Norte livres das invasões. Invisíveis, elas se escondem na vegetação remanescente do cerrado.

O que ocorre, hoje em dia, quando um terreno é invadido próximo a uma área já urbanizada do Plano Piloto?

Moradores e comerciantes do final da Asa Norte convivem, há anos, com uma invasão na área de cerrado atrás das igrejas e escolas das quadras 700 e 900, na região do Parque Ecológico Norte. Esse é um endereço-fantasma, com população

flutuante. Os invasores são retirados e aos poucos voltam.

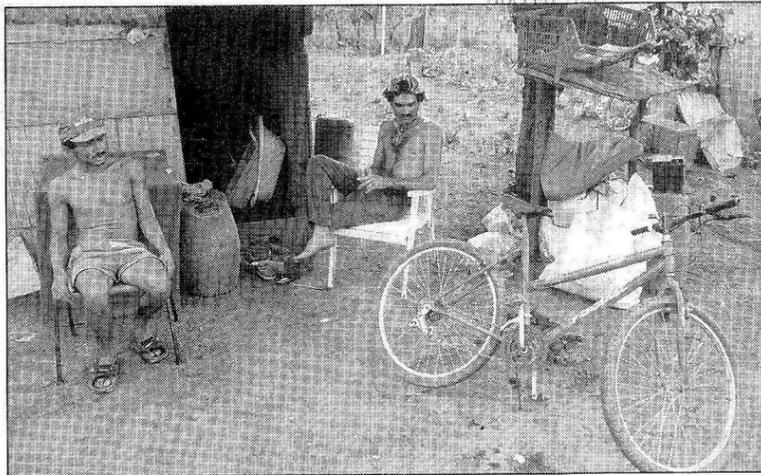
Há mais de dois anos, quem vive ou trabalha na região sente-se intimidado. Pois, junto com os invasores, bandidos se estabeleceram no matagal ou usam-no como esconderijo.

Há sete anos, naquela área, os empresários Márcio Paiva, 34 anos, e Aline Martins, 28, lideraram reuniões de moradores e empresários com representantes da polícia, em busca de solução para a insegurança que se estabeleceu nas quadras próximas à área ocupada. Sem resultado. "Abríamos à noite. Pela insegurança, não fazemos mais isso", conta Márcio.

Ele relata que a situação piorou nos últimos tempos. "Antigamente não era assim. Nos últimos três anos é que a situação tem se agravado", explica Márcio. "Os arrombamentos de carros aqui são constantes. O meu carro mesmo já foi arrombado e roubaram o rádio", diz Aline. Hoje em dia, o estabelecimento comercial é dotado de câmeras para, pelo menos, gravar a ação dos bandidos.

ASSALTOS CONTINUAM

Nem toda a segurança em que investiram por Márcio e Aline impediu que três assaltantes invadissem o restaurante deles. Durante a madrugada de terça-feira, 30 de



A maioria das pessoas que moram nos pequenos barracos vive da cata de lixo

março — eram 4h e a quadra estava vazia —, três ladrões chegaram ao restaurante e, primeira providência, inutilizaram uma das câmeras de segurança, ainda do lado de fora. Em seguida forçaram a grade de uma das portas. Depois de conseguir espaço suficiente para entrar, utilizaram um pedaço de madeira para quebrar o vidro. Dois entraram, enquanto um ficou do lado de fora, como olheiro.

Dentro do restaurante, os dois assaltantes quebraram a máquina registradora, além de copos e garrafas. Mas foram surpreendidos pouco depois. Um vizinho, morador de uma das casas em frente à comercial, viu a movimentação suspeita no restaurante e chamou a polícia.

O olheiro fugiu com a chegada da Polícia Militar. Os PMs interfonaram para Márcio, que mora no mesmo prédio onde funciona o restaurante. Ele desceu e abriu as portas. Os policiais encontraram um dos assaltantes atrás do balcão.

O outro correu para o banheiro, de onde conseguiu subir para uma passagem no teto. Dali tentou arrastar-se, procurando uma saída. Não teve sorte. Ele, na verdade, estava

sobre um teto rebaixado, de gesso, que não resistiu ao peso e se quebrou. O ladrão caiu no meio do restaurante e também foi preso.

Ambos foram levados para a 2ª Delegacia de Polícia (Asa Norte), onde continuam detidos. Um deles, G.F.S., tinha passagem pela polícia e estava em liberdade condicional.

O sistema de segurança do restaurante foi instalado após o primeiro roubo, em 95, quando ladrões levaram um aparelho de som. "Vou investir ainda mais em segurança, colocar mais câmeras e gravar o movimento 24 horas por dia", diz Márcio. "Nós tentamos montar uma prefeitura na quadra, para melhorar a segurança por aqui. Até fizemos reuniões com assistentes sociais, sobre a invasão, mas nada funcionou", completa.

Volta e meia ouvem-se disparos de foguetes vindos da área invadida. Pensa-se, a exemplo do que ocorria nos morros do Rio de Janeiro, que é o aviso de que um carregamento de drogas chegou ao local. Em janeiro deste ano, numa batida da Polícia Militar, nove pessoas foram detidas ali, para averiguação. Nessas horas, a marginalidade provocada pela ex-

clusão social confunde-se com a bandidagem.

MARCADA PARA MORRER

Se a insegurança ameaça a vizinhança legalmente estabelecida, a situação interna é ainda pior. A invasora Senhorinha Xavier dos Santos, 37 anos, é alvo de ameaças. Mãe de sete crianças, já escapou de dois tiros direcionados a ela. "A polícia passa por aqui e acham que sou eu quem anda denunciando. Estou jurada de morte", afirma. Ela vive ali há seis anos. A tentativa de viver na casa da irmã, no Recanto das Emas, não deu certo.

Como a maioria dos que moram lá, a família vive do lixo da classe média. "Por esses dias, meu marido está trabalhando de tirar entulho das ruas. Eu faço um biquinho aqui, outro acolá, cato umas latinhas. Já dá para tirar o leite das crianças", conta. Dois dos filhos, com dois e três anos, estão doentes. "Tenho que alimentar os dois com mamadeira", diz.

Ela aponta na direção de dois barracos abandonados: "Um, porque mataram o dono. O outro fechou e foi embora. Aquele carvão que está ali é de um barraco que o dono queimou e foi-se embora", relata.

Há menos de três semanas, o barraco foi atacado novamente. "De noite, a gente não sai mais. Se acaba a vela, a gente fica no escuro mesmo. Não abro a porta por nada", fala. Ela inveja os que foram removidos para algum assentamento. Diz que o marido já providenciou os papéis para se cadastrar e obter um lote. "Veio um pessoal aqui, tem uns dois meses, e disseram que iam fazer nosso cadastro, e nunca mais apareceram. Se a gente ganhasse um canto para morar, a gente achava bom." Os barracos dessa área se agrupam normalmente em três ou quatro.